

Salto para o Passado

O clássico Casa Grande e Senzala, do sociólogo Gilberto Freyre, fez seu aniversário de 85 anos. Esta obra deu origem a uma interpretação de que o Brasil é uma civilização miscigenada e original que neutralizou os conflitos de convivência de diferentes raças. Logo, não existiria nenhum tipo de discriminação e, por consequência, haveria a existência de oportunidades econômicas e sociais iguais.

Anos mais tarde, Florestan Fernandes nos ofereceu uma leitura diferenciada dos argumentos de Freyre. Esse último, ao amenizar as relações de opressão, mascarou os conflitos raciais ainda presentes em nossa sociedade.

Outros autores, como Clóvis Moura e Jesse Souza, aprofundaram as críticas a Freyre. Argumentam que sua reflexão, ao ganhar status científico, passou a ser inquestionável e, desde então, a escravidão não fora abordada devidamente. A forma com que Freyre omite a violência e a marginalização promovida pela escravidão descaracterizaria a definição genética da cor da pele como determinante da superioridade racial. Mas resta irrefutada a crença da existência de uma cultura superior.

Tal fato foi aperfeiçoado em símbolos e significados ao longo do tempo, mas que mantém praticamente intocadas as estruturas sociais que permitem uma elite branca explorar e humilhar cotidianamente negros e mestiços. O encarceramento massivo de jovens pretos e pobres chega a ser comemorado. O massacre que ocorre na periferia é tratado com descaso. O serviço braçal é tido como inferior, por isso mal remunerado e segue sendo ocupado pela população que não nasceu com a vida ganha. São evidências da continuidade da escravidão, embora invisíveis e mais sutis, como marco regulador dos nossos costumes e consciência social.

Nossa sociedade ainda não reconhece e critica esses fatos.

Recentemente, o caso de Valéria Lúcia dos Santos, advogada negra que foi algemada enquanto trabalhava, por ordem da juíza leiga que estava na audiência, nos remete a todo este processo. Outros, como o caso da morte da vereadora Marielle Franco, mulher, negra e LGBT, parecem trazer à tona o processo de invisibilidade e a exclusão social que as minorias andam sofrendo sem contestação. O Brasil é líder mundial de mortes de LGBT.

A Casa Grande parece estar reagindo e empurrando de volta os negros que conseguiram ultrapassar os muros da Senzala.

Os direitos, que foram concebidos pelas instituições para dar tratamento igualitário a todos, hoje vêm cada vez mais sendo tratados como se fossem privilégios.

Apagaram a palavra progresso da bandeira brasileira e ninguém se deu conta.

*Erika Maria R. Souza é mestrandia em Administração e Andréa Ventura é professora da Escola de Administração da UFBA